

**A RELAÇÃO ENTRE AFETO E APRENDIZAGEM: A PARTIR DO SENTIR E DO
PENSAR**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN LEARNING AND AFFECTION: FROM THE FEEL
AND THINK**

João Enzio Gomes

Licenciado e Bacharel em História pela UFRN, pesquisador da Neuroaprendência, Professor da rede pública e privada de ensino, pesquisador do CNPQ.

RESUMO: Esse trabalho é fruto de uma pesquisa realizada para a conclusão do curso de graduação em História na UFRN, com o título Afetividade e Educação: Por um Prazer em Aprender História, na qual procuramos compreender os processos educativos através do gerenciamento das nossas habilidades/emoções através da interação entre afeto/emoção/conhecimento e como ocorrem esses processos no interior do cérebro. Pois, quando se cria um clima prazeroso em sala de aula favorece-se à aprendizagem, bem como os processos ligados à memorização dos conhecimentos. Desse modo, entendemos como a afetividade pode interferir na qualidade do registro dos fatos na memória. Nesse aspecto, a educação integral do ser humano concebida por Pestalozzi e as idéias norteadoras apresentadas no Relatório Delors, como formas relevantes para o processo de ensino/aprendizagem, podem tornar a aprendizagem prazerosa, significativa, corporalizada.

Palavras-Chave: Afetividade – Educação – Corporeidade – Neuropedagogia

ABSTRACT: This paper is the result of a survey to complete the undergraduate program in History at UFRN, entitled Emotions and Education: Why a Pleasure in Learning History, in which we seek to understand the educational processes through the management of our skills / emotions through the interaction between affect / emotion / knowledge and how these processes occur within the brain. Well, when you create a pleasant atmosphere in the classroom conducive to learning and the processes associated with the retention of knowledge. Thus, we understand how the emotion can interfere with the quality of the record of events in memory. In this regard, education of the human being conceived by Pestalozzi and guiding ideas presented in the Delors Report, as a way relevant to the teaching and learning can make learning enjoyable, meaningful, corporalize.

Keywords: Affection - Education - Embodiment - NeuropedagogiC

Introdução

Gerenciar a emoção é o alicerce de uma vida encantadora. É construir dias felizes, mesmo nos períodos de tristeza. É resgatar o sentido da vida, mesmo nas contrariedades. Não há dois senhores: ou você domina a energia emocional, ainda que parcialmente, ou ela o dominará (CURY, 2003).

Augusto Cury nos alerta para a necessidade de educarmos nossa emoção através de um gerenciamento de nossos sentimentos. As palavras de Cury nos convidam a refletirmos em torno da valorização de Ser Humano, do sentido da vida e da educação. Diante dessa realidade e de inúmeros problemas enfrentados por nós em nossa prática cotidiana como professor de História em escolas públicas e privadas de Ensino Médio e Fundamental, decidimos realizar uma pesquisa sobre a influência do afeto nas relações de ensino/aprendizagem. Assim, esse artigo representa uma síntese da monografia elaborada para a nossa conclusão do curso de graduação em História na UFRN, no ano de 2004, com o título “Afetividade e Educação: Por um Prazer em Aprender História” (GOMES, 2004). Procuramos demonstrar que nos processos educativos devemos também promover um gerenciamento das nossas habilidades, para isso, analisamos os conceitos de aprender e de inteligência, refletindo a partir desses conceitos e discutindo a relação entre eles e a nossa estrutura cerebral, evidenciando como ocorrem os processos de aprendizagem em seu interior. Tomamos por base a teoria dos três cérebros defendida pelo Dr. Joseph LeDoux, analisando o papel das emoções nos processos ligados à memorização dos conhecimentos e como a afetividade pode interferir na qualidade do registro do fato na memória (LeDOUX, 1998). Nesse aspecto, refletimos sobre o conceito de Educação Holística como uma forma de educação integral do ser humano. Utilizamos para esta análise os pressupostos teóricos defendidos por Pestalozzi no século XVIII na Suíça, ressaltando que devemos educar a mão, o espírito e o coração. Além disso, as idéias norteadoras apresentadas no Relatório Delors, documento elaborado pela Comissão Internacional Sobre a Educação para o Século XXI, que traz em seu bojo a reflexão a respeito dos quatro pilares da educação: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser. Propomos a integração entre estas duas abordagens teóricas através do conceito de Educação Holística. Para ilustrarmos essas idéias recorreremos a alguns casos representativos que nos permitiram compreender tais abordagens teóricas de forma mais efetiva, mais

corporalizada. Nosso propósito nesse trabalho é, portanto, convidarmos os educadores a compartilhar uma reflexão acerca de algumas teorias pedagógicas que nos oferecem um caminho para, primeiro, efetivarmos a prática dos referenciais propostos em torno das finalidades da educação brasileira, e segundo, apresentarmos a formação de um pensamento relativo à prática educacional mais qualificada, por conseguinte, mais prazerosa, alicerçada numa concepção de corporeidade humana.

Cérebro e Inteligência: Causa e Efeito da Arte de Sentir e Pensar

Aprendemos na infância que inteligente é quem aprende muitas coisas. Conforme o Aurélio, aprender é “tomar conhecimento de algo, retê-lo na memória, graças ao estudo, observação, experiência” (FERREIRA, 2000, p. 54). Segundo o senso comum nos dias atuais, é a capacidade que as pessoas têm para absorver conhecimentos. Neste sentido, o conceito de aprender, estaria intimamente ligado ao de inteligência. Isto significa que somos mais inteligentes porque aprendemos com mais facilidade aquilo que nos é ensinado. Ainda no Aurélio, inteligência é “a facilidade de aprender, apreender e compreender ou adaptar-se facilmente às situações da vida” (FERREIRA, 2000, p. 395). Em resumo, inteligência é a capacidade de aprender e de saber utilizar o que aprendeu. O conhecimento popular não está distante do conhecimento técnico, pois a palavra inteligência tem sua origem na junção de duas outras palavras que vêm do Latim - inter: entre e eligere: escolher. Sendo assim, seria a capacidade de escolher entre... Seríamos mais inteligentes à medida que conseguimos tomar decisões. Neste caso, o aprender estaria ligado ao conhecimento necessário a habilitar-nos para tomarmos essas decisões. Percebemos que ter capacidade de aprender é ser inteligente, apesar de popularmente serem colocadas como sinônimas não o são. Ser inteligente vai mais além, pressupõe a capacidade de saber utilizar-se do que aprendeu. Em seu sentido mais amplo, “significa a capacidade cerebral pela qual conseguimos penetrar na compreensão das coisas, escolhendo o melhor caminho” (ANTUNES, 1999, p. 11).

Antunes nos leva para uma outra abordagem, uma abordagem biológica, quando demonstra que esta compreensão das escolhas estaria ligada a uma capacidade cerebral. Ao nos apresentar a inteligência como uma capacidade cerebral, Antunes nos desperta para a idéia de que o cérebro é o órgão por excelência da inteligência. Neste caso, se queremos compreender como ocorrem os

processos intelectivos, precisamos compreender os mecanismos cerebrais responsáveis pela aprendizagem. O cérebro é compacto, de aproximadamente 1,4 kg, está dividido em três partes fundamentais: o hipotálamo, o sistema límbico e o córtex. O Hipotálamo é um pequeno órgão, localizado na base do crânio que controla as funções de sobrevivência. Ali reside o centro da fome, da saciedade, da sede, do impulso sexual. O Sistema Límbico tem a função de prover o indivíduo de emoções, é denominado como a casa dos sentimentos, sendo responsável pelo equilíbrio ou desequilíbrio emocional do ser humano, pela produção das sensações ligadas aos processos emotivos. O Córtex é responsável por três tarefas: o controle dos movimentos do corpo, a percepção dos sentidos e o pensamento. Foi durante muito tempo sinônimo de inteligência, razão e espírito. É o protagonista-mor dos grandes vãos humanos e é o promotor da racionalidade humana.

Conforme as pesquisas realizadas em várias partes do mundo a partir do final do século XX, compreendeu-se que as três partes existem e funcionam simultaneamente, porém independentes entre si. Segundo o médico Eugênio Mussak, citado por Cardoso, as três divisões do cérebro podem ser... complementares! Eis aqui a sua parte: depende de você. A atuação das três divisões do cérebro podem ser “complementares, se forem bem conduzidas. Esta arte de bem conduzi-las recebe o nome de arte de viver, de sucesso, de equilíbrio, de saúde” (CARDOSO, 2003, p. 50). Poderíamos acrescentar que a capacidade de aprender, de ser inteligente está ligada ao prazer que a conquista do conhecimento pode proporcionar, principalmente quando este conhecimento é produzido pelo próprio educando. Isto nos leva a supor que o nível de emoção no momento do aprender interfere no resultado final do processo.

Esta idéia de possuímos áreas específicas para a emoção, para os instintos e para a razão, não é nova, pois a idéia, por exemplo, de o sistema límbico ser o centro emocional do cérebro foi introduzida pelo neurologista Paul Maclean há mais de quarenta anos. Descobertas recentes como as do Dr. Joseph LeDoux, aperfeiçoam o conceito, mostrando que algumas das estruturas centrais do sistema límbico como a amígdala, estão diretamente envolvidas na produção das emoções, promovendo ligações entre circuitos cerebrais de várias regiões do cérebro (LeDOUX, 1998). É possível afirmar que as estruturas límbicas

São responsáveis por grande parte da aprendizagem e da memória do cérebro; a amígdala é especialista em questões emocionais. Se for retirada do

cérebro, o resultado é uma impressionante incapacidade de avaliar o significado emocional dos fatos; esse mal é às vezes chamado de 'cegueira afetiva' (GOLEMAN, 1995, p. 29).

Observemos que Goleman abre-nos outras perspectivas em relação à interação aprendizagem/emoção ligadas ao processo da memória. Teríamos assim o Cérebro Animal ou Instintivo, com sede no hipotálamo, responsável pelas reações instintivas, automáticas do ser humano. O Cérebro Intelectual ou Racional, com sede no córtex, responsável pelas operações lógico-rationais, pelas potencialidades racionais do ser humano: podemos denominá-lo de cérebro pensante, pois, é a sede da razão. E o Cérebro Emocional, com sede no sistema límbico, é responsável pelas reações emocionais, sentimentais, espirituais. Os três Cérebros seriam assim independentes entre si, contudo trabalhariam simultaneamente e de forma complementar. Mas quando os mecanismos estão em funcionamento, uma das partes sempre se sobressai em relação às outras.

O Dr. Joseph LeDoux desenvolveu os conceitos de Cérebro Racional e Cérebro Emocional, bem como os conceitos de fluxo de pensamentos e fluxo de sentimentos. Ele nos explica que o fluxo de pensamentos diz respeito ao conjunto de informações captadas do exterior através de livros, TV, computador, conversas, que se transformam em conhecimentos. O fluxo de sentimentos estaria ligado às situações vivenciais que despertam as emoções. O fluxo seria relativo a uma quantidade de informações que chegaria aos centros cerebrais e, conforme o direcionamento dado às informações, teríamos o teor das ações; emocionais, instintivas ou racionais. Quando um dos centros cerebrais não percebe o fluxo de informações que lhe é direcionado, na maioria dos casos, devido a um desvio de rota do fluxo de informações, outro centro entra em funcionamento.

Assim, poderíamos dizer que cada cérebro possui uma capacidade própria de aprender e uma forma toda particular de trabalhar esta aprendizagem. Em outras palavras, possuiria três estruturas biológicas de inteligência: a Inteligência Instintiva, a Inteligência Racional e a Inteligência Emocional. A inteligência vista na sua totalidade ou em sua compartimentarização funcional, pode se desenvolver quando exercitada, treinada ou, e mais importante, educada. A educação ocorre principalmente quando aprendemos a aprender. O que isto significa? Ao educarmos as nossas inteligências para trabalharem em harmonia, a razão, o instinto e a emoção trabalharam de forma equilibrada.

Os Quatro Pilares da Educação

Diante desse entendimento, começamos a compreender o Relatório Delors, Documento publicado no Brasil em 1998, com o título Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors. A comissão apresenta propostas que oferecem caminhos, visando à melhoria das práticas pedagógicas dos educadores no cotidiano da sala de aula. Refletindo em torno dessas recomendações, podemos perceber que a comissão propõe uma Educação integral do ser, visto que a proposta apresentada no Relatório Delors destaca mecanismos para a efetivação das relações de afetividade aliadas aos processos de aprendizagem, partindo de quatro saberes/aprendizagens fundamentais, desenvolvidos ao longo de toda a vida do educando e não apenas no período escolar ou no ambiente institucionalizado da escola. Desse modo, o Relatório Delors endossa a necessidade de buscarmos a implantação, conforme orienta a Constituição Federal do Brasil de 1988, a LDB, a pedagogia pestalozziana e os princípios de neuro-funcionalidade cerebral.

Em nossa pesquisa, utilizamos alguns experimentos visando à observação prática dessas teorias. Compreendemos quão válida e necessária torna-se a formação dentro do ambiente escolar de uma integração entre os saberes cognitivos com o educando. Um dos caminhos apontados seria permitir que o próprio educando construa o seu conhecimento. Para isso, o educando deverá aprender a fazer. Observemos o relato de A.D., 17 anos, estudante do terceiro ano do Ensino Médio:

[...] as técnicas de estudo que o professor de História praticou durante esses anos foram super importantes no aprendizado da turma de 3º ano de 2004, pois desde 2002, o mesmo vem trabalhando com o método GV-GO [...] e as aulas interativas que ele vem aplicando, fazendo uma grande roda na sala de aula, e vindo fantasiado com os personagens que ele fala, assim, o professor segura a atenção dos seus alunos. Esse método de ensino é tão bom, que agora passei a gostar de História e agora estou pensando até em prestar vestibular para HISTÓRIA, pois hoje eu tenho “prazer” em estudar História (A. D., 2004).

Percebemos no relato de A.D., que quando o educando sente-se parte atuante do processo de aprendizagem, cria-se um clima propício para uma aprendizagem prazerosa. Passemos então, a análise dos quatro pilares da educação que se relacionam para formar um todo integrado. Do mesmo modo que a

teoria pestalozziana, os quatro pilares da educação são independentes entre si, mas só funcionam de forma harmônica quando vivenciados em conjunto.

Considerações Finais

Ao tratarmos sobre os pilares da educação, como devem interagir entre si de forma corporalizada, compreendemos a necessidade de buscarmos uma interação/integração entre os mecanismos que promovem a construção integral do conhecimento. Desse modo, recorreremos a Pestalozzi que enfatiza: educar a mão significa educar/desenvolver o hipotálamo através do aprender a fazer; educar a mente/espírito significa educar/desenvolver o nosso córtex, através do aprender a conhecer; e. educar o coração significa, educar/desenvolver o sistema límbico, através do aprender a conviver e do aprender a ser. Percebe-se que, geralmente, quando o conhecimento é apresentado de modo significativo ao educando, tende a ser assimilado mais facilmente pelo educando, por gerar um interesse maior pelo assunto. Assim nos diz Antunes:

Considerando estes estudos e analisando-os através de uma perspectiva educacional, é possível afirmar que um trabalho com a aprendizagem significativa é mais eficiente para estimular o aprendizado do aluno do que um trabalho onde são usados apenas os recursos da aprendizagem mecânica; que distúrbios da atenção podem ser corrigidos. [...] Quando se envolve o aluno em procedimentos que despertam seu sentido de coerência, motivação e interesse (ANTUNES, 1999, p. 17).

Concordamos com Antunes, que conforme o direcionamento ao conteúdo trabalhado em sala de aula, poderemos criar meios para que se desenvolva uma relação afetivo-emocional entre o educando e o conhecimento. A inteligência assim não é um dom, e sim uma conquista que ocorre através da educação/formação do ser humano de forma plena/integral. Compreendemos assim, que conforme o professor direcione o funcionamento do cérebro através de dinâmicas específicas, aqui nos referimos à ordem de prevalência de um cérebro sobre o outro nas ações do indivíduo, este ampliaria suas aptidões/habilidades/inteligências, por conseguinte, sua aprendizagem. Outro aspecto reside no fato da interligação entre os núcleos sedes das inteligências, devido ao fluxo de informações que se movimentam de um centro a outro no interior do cérebro.

Podemos concluir, ressaltando que existe uma íntima ligação entre o aprender e a forma como ocorre o processo de compreensão das informações. Quando este processo ocorre de forma harmônica entre as partes cerebrais, a aprendizagem torna-se integral, corporalizada, significativa, prazerosa. Conforme analisamos, muitos educandos não conseguem aprender determinadas matérias por não encontrarem um sentido neste aprender. O conhecimento não possui nenhum sentido na vida do educando, contudo, se o educador buscar novas metodologias visando a integração do educando com o conhecimento poderá ocorrer uma melhoria significativa na qualidade de suas aulas, bem como no resultado final do processo de ensino/aprendizagem.

Referências

ANTUNES, Celso. Alfabetização emocional: Novas estratégias. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL: Constituição da República Federativa do Brasil. 5. ed. Brasília: Senado Federal: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnologia (MEC/SEMTEC), 1999, 4V.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos: História. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília MEC / SEF, 1998.

CARDOSO, Margot. Saiba como usar (e aprimorar) todo o potencial do seu cérebro. Vencer, São Paulo, Ano IV, nº 48, 46-59, Setembro. 2003.

CAVALCANTI, Katia B. Corporeidade e a ética do sentido da vida na educação: para florescer as sementes da pedagogia vivencial. In: Educação em Questão. Natal. (No Prelo).

CHALITA, Gabriel. Educação: A solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. Dez leis para ser feliz: ferramentas para se apaixonar pela vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELORS, Jacques. Educação: Um tesouro a descobrir. 8. ed. Tradução José Carlos Eufrásio. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. de H. Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente – A teoria das múltiplas inteligências. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Inteligências múltiplas – A teoria na prática. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOMES, João E. Afetividade educação: por um prazer em aprender história. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Ensino Superior do Seridó, Caicó, 2004.

LeDOUX, Joseph. O Cérebro Emocional. Tradução Terezinha Batista dos Santos. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LUZURIAGA, Lorenzo. História da educação e da pedagogia.. Tradução Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 10. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2001.

PERRENOUD, Phillip. Dez novas competências para ensinar. Tradução Patrício Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

STEINER, Rudolf. A arte da educação.. Tradução Rudolf Lanz e Jacira Cardoso. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1995.

W. S. S. Entrevista concedida a João Enzio Gomes no dia 13 de abril de 2003.